



Encontro de Jongueiros: um projeto de extensão da UFF e seus desdobramentos

Elaine Monteiro*

O jongo tem que ter,
 Ter dançadeiro pra valer, tem
 Tem que ter, que ter que rodar, tem que ter
 No baticum
 A roda vai crescer
 E o povo vai fazer fuzuê
 Que nem seu Exu-kêkêrêkê.
 Tem que ter Sá-moça catita
 Tem que ter a voz de vovó de Vassuncê
 Tem que ter um canto nagô,
 Tem que ter um de Ioruba, tem que ter
 Saravá pro seu Benguelê.

Vem pro jongo,
 Ô vem jongueiro ver,
 João-Congo,
 O jongo tem que ter
 Mais um herdeiro
 Nesse terreiro
 Pro jongo não morrer.
 (Sérgio Santos e Paulo César Pinheiro)

O Jongo

O Jongo é uma dança de origem rural da época da escravidão. A cultura do Jongo remonta às relações de sociabilidade que os escravos estabeleceram nas fazendas de café e cana-de-açúcar. Também chamado de Caxambu, devido ao tambor de mesmo nome, o Jongo é referência cultural em várias regiões dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais.

As matrizes africanas do Jongo estão ligadas aos negros de origem bantu, que foram trazidos como escravos para o trabalho nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba. Os Bantus são mem-

Resumo

Este trabalho se dispõe a relatar a experiência do Projeto **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu**. É desafio e compromisso deste projeto gerar espaços e tempos para a troca de experiências e saberes entre jovens e velhos das comunidades jongueiras, a reflexão sobre a cultura do Jongo e o desenvolvimento local comunitário. Encontros e organização das comunidades jongueiras em Rede resultaram na solicitação do registro do Jongo como patrimônio imaterial da cultura brasileira.

Os Encontros de Jongueiros deram visibilidade ao Jongo na região Sudeste e permitiram que os jongueiros se reunissem para a troca de saberes, experiências e para a discussão de seus problemas e necessidades. A **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** facilitou e fortaleceu a organização das comunidades jongueiras e agregou professores, pesquisadores, ONGs, universidade e demais instituições parceiras.

Palavras-chave: Jongo, cultura, extensão

*Professora-adjunto do Departamento de Educação Matemática (GEM), da UFF.
 E-mail: elaine@vm.uff.br

bros da grande família etnolinguística dos negros chamados Angolas, Congos, Cambindas, Benguelas, e Moçambiques. A influência da nação bantu foi fundamental na cultura brasileira.

A roda de Jongo acontece com um solista ao centro, que canta *pontos* respondidos em coro pelos participantes, numa empolgante combinação de batuque, canto, dança, religiosidade e brincadeira. Alguns núcleos familiares de afro-descendentes persistem em manter viva a tradição do Jongo. Dança-se o Jongo no dia 13 de maio, nos dias de santos católicos de devoção da comunidade, nas festas juninas, nos casamentos e em apresentações públicas.

O projeto de extensão “Encontro de Jongueiros”

Eu vim aqui
Não vim pra demorar
Eu vim cumprimentá
O povo desse lugar.
(Domínio Público)

O projeto de extensão “Encontro de Jongueiros” teve início no curso de Licenciatura em Matemática da UFF, em Santo Antônio de Pádua (RJ), no ano de 1996, por iniciativa do Prof. Hélio Machado de Castro, professor de Sociologia da Educação do referido curso à época.

O Caxambu de Pádua persistiu devido à resistência de D^a Sebastiana II, neta de escrava africana, que o preservou até o seu falecimento, em 1995, em uma sociedade que não aceitava o Caxambu por ser “coisa de negro” ou “coisa de gente pobre”. A manifestação era condenada devido às suas origens africanas e os grupos folclóricos da região refugiaram-se em Centros e Terreiros, se afastando das comunidades. Esse fenômeno se deu em vários municípios do Noroeste Fluminense.

Diante desse quadro e da ausência de D^a Sebastiana II, o professor Hélio percebeu que o Caxambu corria o risco de perder a sua identidade como manifestação cultural local e viu que seria interessante criar, junto com os jongueiros, um Encontro para manter vivos os aspectos culturais do interior fluminense.

No ano de 1996, foi realizado o I Encontro de Jongueiros, como um projeto de extensão na

área de cultura, na Vila Campelo, distrito de Santo Antônio de Pádua. O II Encontro foi realizado em 1997, na praça principal de Miracema e o III Encontro em 1998, em Santo Antônio de Pádua. Apesar desses três primeiros encontros terem uma dimensão local, restringindo-se aos municípios de Santo Antônio de Pádua e Miracema, eles já começaram a dar visibilidade ao Jongo e a articular jongueiros, pesquisadores e simpatizantes em torno dessa manifestação cultural, uma vez que alguns visitantes começaram a aparecer nos encontros do Noroeste Fluminense.

Após os três primeiros encontros, os jongueiros avaliaram que os encontros precisariam alçar novos vãos, congregar mais comunidades, para que tanto o Jongo quanto os encontros em si pudessem ter continuidade. Foi assim que, em 1999, o IV Encontro foi organizado nos Arcos da Lapa, Centro da Cidade do Rio de Janeiro, e contou com outras comunidades, além daquelas do Noroeste Fluminense. Compareceram ao Encontro os grupos da Serrinha, do Quilombo São José, de Angra dos Reis e de Guaratinguetá (SP), dando uma nova dimensão ao evento.

De lá para cá os encontros só fizeram crescer e se enriquecer em suas atividades. No V Encontro, em Angra dos Reis, no ano de 2000, organizado pela Faculdade de Educação da UFF e por grupos de jongo locais, pela primeira vez foi realizada uma mesa de debates. De lá saiu ainda a criação da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu**. Em 2001, no VI Encontro, em Valença, foi comemorado, paralelamente ao evento, o centenário da jongueira Clementina de Jesus e lançado o manifesto dos jongueiros em favor da desapropriação das terras do Quilombo São José, comunidade onde vivem, há mais de 150 anos, 200 negros que lutam por suas terras. O VII Encontro foi realizado em 2002, em Pinheiral, cidade marcada pela forte presença do Jongo. Os organizadores desse Encontro privilegiaram a realização de um trabalho sobre o Jongo junto às escolas da rede pública de ensino. No ano de 2003, o VIII Encontro foi realizado pela primeira vez no Estado de São Paulo, na cidade de Guaratinguetá, dando prosseguimento ao caminho do Vale do Paraíba.

No ano de 2004, as comunidades jongueiras retornaram aos Arcos da Lapa, para o IX Encontro, que teve um formato diferente dos ante-

riores porque, pela primeira vez, o Encontro de Jongueiros foi organizado com o patrocínio cultural de uma grande empresa. Os encontros anteriores foram sempre organizados com esforços e parcerias locais para o transporte, alimentação e infra-estrutura do próprio evento, o que, em alguns momentos, causou constrangimentos a organizadores e jongueiros. Dependendo de um lance aqui, um ônibus ali, um equipamento de som acolá, tendo que mobilizar grupos de jongueiros de diversos lugares, nem sempre foram tarefas tranquilas e nem sempre foram atividades tratadas com a devida dignidade e respeito que um evento desta natureza merece. Apesar de tudo isso, a solidariedade e a colaboração viabilizaram os oito Encontros anteriores, mas o fato é que, em função do patrocínio recebido, apenas no IX Encontro os quinhentos jongueiros participantes puderam contar com hospedagem, além de poderem aprofundar o debate sobre temas relacionados às suas problemáticas em um seminário que se estendeu por dois dias e foi dividido em seis painéis.

No ano de 2005, o projeto “Encontro de Jongueiros” retornou ao seu local de origem, Santo Antônio de Pádua, em uma justa homenagem ao seu idealizador, que soube antever a necessidade e o potencial de resistência existente no encontro das comunidades jongueiras. Talvez ele não dimensionasse o impacto que aquela idéia pudesse vir a ter anos depois. Talvez o importante fato de o Jongo ter recebido o seu registro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil, no ano de 2005, não tenha sido mero acaso, mas resultado da resistência e da organização das comunidades jongueiras.

Esse Encontro marcou uma verdadeira celebração do trabalho realizado pelas comunidades de preservação do Jongo, uma das importantes raízes da cultura brasileira. Vale lembrar que, em todas as comunidades, esse trabalho, via de regra, é realizado em condições sociais e econômicas precárias e adversas.

O X Encontro, que também contou com o patrocínio de uma grande empresa, teve início do dia 16 de dezembro, com uma mesa de abertura, homenagens e um painel sobre Patrimônio Imaterial do Jongo¹. No dia 17, pela manhã, foi realizada uma mostra de vídeos, sob a coordena-

ção do Prof. Paulo Carrano, do Observatório Jovem da UFF, na qual foi discutida, a partir dos vídeos, a tradição entre Mestres e Jovens no Jongo. Na parte da tarde, foram realizadas oficinas de jongueiros, uma delas direcionada para crianças e adolescentes, sob a coordenação de Rogério, do Caxambu de Miracema, e de Gil, do Jongo de Piquete, que desenvolvem trabalhos com crianças e adolescentes em suas comunidades. À noite, antes do início da Roda de Jongo, houve uma cerimônia na qual representantes do IPHAN e do Ministério da Cultura, com a presença de representantes da UNESCO e da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEP-PIR), fizeram a proclamação pública do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil e deram a titulação às comunidades jongueiras. Depois disso, foi feita uma homenagem a Dona Sebastiana II, que contou com a presença de sua família, com o compromisso de que no dia 13 de maio de 2006 seria inaugurada a praça do Caxambu em Santo Antônio de Pádua. Logo depois, teve início a grande Roda de Jongo, com apresentação de todas as comunidades.

No espaço onde foi realizado o evento, havia uma exposição sobre os Encontros de Jongueiros para visitação do público participante. No dia 18, pela manhã, as lideranças das comunidades fizeram uma reunião da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** para decidir o local do encontro de 2006, que deverá ser realizado no mês de setembro, dentro do Quilombo São José, em Valença.

Do Rio de Janeiro, participaram as comunidades de Santo Antônio de Pádua, Miracema, Porciúncula, Quissamã, Barra do Piraí, Angra dos Reis, Pinheiral, Serrinha e Valença (Quilombo São José). De São Paulo, participaram as comunidades de Campinas, Guaratinguetá e Piquete. E, de Minas Gerais, participou a comunidade de Carangola. Além desses grupos, participaram um pequeno grupo de Campos (RJ) e dois grupos folclóricos, um de Duque de Caxias (RJ) e um da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os Encontros têm crescido em número de comunidades neles representadas, possibilitando a identificação e a organização de comunidades jongueiras na região Sudeste. A cada ano, novas idéias e atividades são desenvolvidas e, talvez o resultado maior, os Encontros de Jongueiros ga-

nharam vida própria porque jongueiros e jongueiras deles se apropriaram e deles fizeram um espaço de organização comunitária e de manifestação de sua cultura e da identidade jongueira.

Desdobramentos dos Encontros, desafios para as comunidades jongueiras e papel da extensão universitária

Plantei batata
No terreiro da rainha
Sete metros de lenha
A batata não cozinha.
(Domínio Público)

Os encontros de jongueiros, simultaneamente aos momentos anuais de dança, canto e festa, promoveram comunicações entre diferentes sujeitos e instituições. As comunidades urbanas e rurais de jongo se mostraram generosamente abertas para os apaixonados e comprometidos com esse patrimônio cultural, que se mantém renovado mesmo nas difíceis condições de vida das comunidades jongueiras.

Na ocasião do V Encontro de Jongueiros, foi iniciado o movimento da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu**. A idéia foi criar canais para o estreitamento de laços de solidariedade entre as comunidades e demais interessados em participar do trabalho coletivo de preservação da memória do Jongo e apoiar as lutas por melhores condições de vida dos territórios jongueiros. As comunidades jongueiras são ameaçadas por graves problemas sociais, pela negação do direito à terra e predatórios processos de urbanização, que incidem sobre os elementos materiais e simbólicos dessa cultura de origem rural. É desafio e compromisso da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** gerar espaços e tempos para a troca de experiências e saberes entre jovens e velhos das comunidades jongueiras, a reflexão sobre a cultura do Jongo e o desenvolvimento local comunitário.

Encontros e organização das comunidades jongueiras em Rede resultaram na solicitação do registro do Jongo como patrimônio da cultura brasileira e o apoio a essas duas ações por parte do Estado está recomendado no Inventário do Jongo do Sudeste, que fundamentou a solicita-

ção do registro do Jongo como patrimônio imaterial, como pode ser observado no artigo escrito pela equipe do CNFCP:

Nesse sentido, o Registro do Jongo como patrimônio cultural do Brasil é o reconhecimento por parte do Estado da importância desta forma de expressão para a conformação da multifacetada identidade cultural brasileira. Este Registro chama a atenção para necessidade de políticas públicas que promovam a equidade econômica articulada com a pluralidade cultural; políticas que garantam a qualidade de vida e cidadania. E condições de autodeterminação para que as comunidades jongueiras mantenham vivo o Jongo nas suas mais variadas formas e expressões.

Desse modo, recomendamos que as ações de salvaguarda do bem em questão articulem diferentes instâncias oficiais nos âmbitos nacional, dos estados e municípios no sentido de: 1) promover o aperfeiçoamento das leis de incentivo à cultura e desenvolvimento de instrumentos que facilitem o acesso direto dos detentores dos saberes às diferentes instâncias de patrocínio e financiamento para a produção cultural no país, de modo que tenham autonomia e agilidade, sobretudo para o financiamento do Encontro Anual de Jongueiros e a implementação da Rede de Memória do Jongo; 2) estimular a interlocução entre as esferas da sociedade e dos poderes públicos de modo a incentivar o apoio oficial às associações, comunidades e grupos de jongueiros para que tenham condições de controlar, manter e promover a transmissão dos saberes relacionados ao bem, conforme seus interesses; 3) promover a inclusão, valorização e aprofundamento dos temas relacionados ao bem cultural nas agendas escolares e programas educativos do Estado, de modo que sejam apresentados como patrimônio - testemunhos da riqueza cultural do país. (CNFCP/IPHAN)

A criação da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** e a criação do Encontro de Jongueiros fazem, portanto, parte de uma mesma história, a história da organização das comunidades jongueiras, que teve como conquista a aprovação do registro do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Conselho Consultivo do IPHAN, em reunião realizada no dia 10 de novembro de 2005. Os Encontros de Jongueiros deram visibilidade ao Jongo na região Sudeste e permitiram que os jongueiros se reunissem para a troca de

saberes, experiências e para a discussão de seus problemas e necessidades. A **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** facilitou e fortaleceu a organização das comunidades jongueiras e agregou professores, pesquisadores, ONGs, universidade e demais instituições parceiras.

A partir do relato da experiência do Projeto de Extensão Encontro de Jongueiros, pode-se dizer que a criação da **Rede de Memória do Jongo e do Caxambu** e que o próprio fato de o Jongo ter recebido o registro como Patrimônio Cultural do Brasil apresentam-se, em parte, como desdobramentos deste projeto extensionista que permitiu a organização das comunidades. Há, no entanto, desafios decorrentes desses desdobramentos que devem continuar a ser enfrentados pela extensão universitária.

Até o ano de 2005, a Rede se reunia basicamente durante os Encontros, uma vez que seus membros não tinham condições de arcar com o custo de reuniões mensais. Questões como as condições sociais das comunidades jongueiras, o desenvolvimento de atividades que permitissem o trabalho com crianças e jovens, o reconhecimento do Jongo como importante manifestação da cultura popular por parte do Estado eram discutidas nas reuniões da Rede.

A cada reunião, a Rede também decidia o local de realização do Encontro no ano seguinte. Esta tem sido, ao longo dos anos, uma decisão política. Reunidas em Rede, as lideranças jongueiras, a partir das questões colocadas em cada uma das comunidades, decidem qual comunidade será fortalecida no ano seguinte pela realização do Encontro. Ao tratarem de determinados temas e questões e ao renderem suas homenagens, com a visibilidade dos Encontros, as comunidades jongueiras marcam posições que acabam por assumir a luta de uma determinada comunidade, região, ou até mesmo de todas as comunidades. Foi assim com a questão das terras do Quilombo São José, foi assim com a realização do X Encontro em Pádua, que não só rendeu homenagens às origens dos Encontros, mas também procurou fortalecer as comunidades do Noroeste Fluminense e devolver ao Caxambu de Pádua o seu território, perdido para a construção da Praça da Bíblia¹. Foi assim com o próprio reconhecimento do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil, debatido no IX Encontro, em 2004.

No ano de 2005, inicialmente com o esforço das comunidades e posteriormente com uma pequena ajuda financeira do SESC Rio de Janeiro, viabilizada por uma das instituições que participam da Rede, as comunidades realizaram reuniões durante o ano. Nessas reuniões, foram discutidos problemas das comunidades e a organização do X Encontro de Jongueiros. Foram realizadas cinco reuniões, o que permitiu uma integração maior entre as comunidades, a presença de novas comunidades, instituições e parceiros.

As comunidades se prepararam, durante todo o ano, para o X Encontro, em particular para receberem o registro do Jongo como Patrimônio Cultural do Brasil, como evidencia o painel de debates por elas organizado na abertura do X Encontro, intitulado “Jongo do Sudeste, patrimônio imaterial: por quê e para quê?”. A partir dos debates e das trocas de experiências travadas entre jongueiros, professores, estudantes, pesquisadores e representantes das instituições presentes, no dia 18 de dezembro, em reunião da Rede durante o Encontro, as lideranças jongueiras saíram de Pádua com uma agenda propositiva para o ano de 2006. A idéia era garantir encontros mensais das lideranças e parceiros da Rede no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular não só para a organização do XI Encontro de Jongueiros, mas também para a interlocução com pesquisadores e com representantes do governo em todas as esferas, para a elaboração conjunta de propostas que consubstanciassem políticas públicas de salvaguarda do Jongo/caxambu.

Como muitas lideranças viajam muitas horas para participar desses encontros, que se realizam sempre aos sábados no CNFCP, ficou decidido que se procuraria otimizar os encontros, que passariam a ser feitos nos períodos da manhã e da tarde. Pela manhã, reunião das lideranças e, à tarde, visita de um pesquisador ou representante de governo para o debate de um tema específico que viesse a subsidiar a elaboração de políticas públicas de salvaguarda do Jongo/caxambu. Essa proposta implicava a captação de recursos que viabilizassem os encontros mensais da Rede, sobretudo no que se refere a passagens, hospedagem de um dia e alimentação das lideranças jongueiras que saem de suas comunidades para a cidade do Rio de Janeiro.

A primeira reunião da **Rede de Memória do Jongu e do Caxambu** estava marcada para o final do mês de janeiro. A pauta da reunião era: avaliação do X Encontro de Jongueiros, planejamento do XI Encontro de Jongueiros e construção da Agenda de Trabalho da Rede para 2006. Infelizmente, reunião alguma aconteceu por falta de recursos.

A Universidade Federal Fluminense tem tido, ao longo dos anos, uma participação relevante na organização das comunidades jongueiras e entende que, por seu caráter público, deve continuar cumprindo este papel. O Observatório Jovem tem participado intensamente dos Encontros de Jongueiros e cumprido relevante papel na **Rede de Memória do Jongu e do Caxambu**. Da mesma forma, tem contribuído com o registro audiovisual dos Encontros e tem colocado o seu acervo à disposição das comunidades, estudantes e pesquisadores.

Além da universidade, participam das reuniões da Rede representantes do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e de ONGs ligadas à cultura popular. Fica claro, nas reuniões, que o que move cada uma das instituições participantes está diretamente ligado à identidade da instituição. Desta forma, o que move uma ong que trabalha com cultura popular é diferente do que move uma instituição pública, como a universidade.

Todas as instituições animam a Rede e contribuem para o seu fortalecimento, mas o papel da UFF tem ficado evidente, uma vez que é uma instituição que tem tido uma intensa atuação na Rede e que por sua própria natureza participa de sua articulação de forma “desinteressada”, no sentido gramsciano do termo, tão bem explicado por Nosella (2004; 42):

(...) o termo “desinteressado” (cultura desinteressada, escola e formação desinteressadas) que conota horizonte amplo, de longo alcance, isto é, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas à coletividade e até à humanidade inteira.

Da mesma forma que a universidade pública é o local privilegiado de produção do conhecimento “desinteressado”, do conhecimento que não é imediatamente interessado e que visa ao bem comum, que é público, o papel da universi-

dade pública em um projeto dessa natureza é fundamental para a constituição da Rede como espaço de fortalecimento de um movimento cultural e social comprometido com o coletivo de todas as comunidades.

Nesse sentido, pelo envolvimento e pelo compromisso assumido com as comunidades jongueiras, o Observatório Jovem e o Departamento de Educação Matemática da UFF em Santo Antônio de Pádua se encontram diante do desafio de procurar viabilizar as reuniões da **Rede de Memória do Jongu e do Caxambu**. No momento, a continuidade das reuniões é fundamental à elaboração de propostas de políticas públicas de salvaguarda do Jongu. Um projeto para a garantia dessa atividade foi elaborado e enviado ao Ministério da Cultura e a universidade espera poder vir a contribuir para que o reconhecimento do Jongu como Patrimônio Cultural do Brasil possa efetivamente resultar em condições concretas para a salvaguarda deste patrimônio.

Além disso, o Encontro é hoje um momento de festa, de celebração das comunidades, mas diante das demandas que estão colocadas para todas as comunidades jongueiras, o Encontro deve ser compreendido como uma das atividades da Rede. Esta deve acrescentar à sua pauta de discussão os resultados dos Encontros e os produtos por eles gerados. E aqui a universidade também cumpre um importante papel junto às comunidades jongueiras ao procurar promover na Rede o debate sobre o confronto entre as necessidades e os direitos das comunidades e o mercado cultural.

O desenvolvimento tecnológico permite que os ricos momentos dos Encontros sejam registrados de diversas formas. Hoje, de um Encontro de Jongueiros podem sair livros, CDs, DVDs, fotografias, exposições etc. A discussão sobre os direitos de veiculação e de comercialização de todo esse acervo que vem sendo recolhido ao longo de anos e o retorno desses produtos para as comunidades jongueiras se configuram como uma questão emergente na Rede.

É certo que todas as instituições e comunidades têm um papel fundamental na condução deste debate na Rede, mas talvez caiba à universidade, mais uma vez por sua natureza e identidade, a animação de um debate “desinteressado” sobre essa questão. Isso só poderá acontecer com a garantia de reuniões periódicas da Rede e

com a compreensão de todos os participantes, sobretudo das lideranças jongueiras, da Rede como um espaço público de discussão e, conseqüentemente, de preservação de um patrimônio também público que pressupõe a existência de um sujeito coletivo.

Bibliografia

CARRANO, Paulo. Rede de Memória, *VIII Encontro de Jongueiros, Guaratinguetá, SP, 21 e 22 de novembro de 2003*, São Paulo, Associação Cultural Cachuera!, 2003. (Programa impresso).

CASTRO, H.M. Pequena História dos Encontros de Jongueiros, *VIII Encontro de Jongueiros, Guaratinguetá, SP, 21 e 22 de novembro de 2003*, São Paulo, Associação Cultural Cachuera!, 2003. (Programa impresso).

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR/IPHAN. Jongu, patrimônio imaterial brasileiro. Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN. Disponível em www.revista.iphan.gov.br. Acesso em 13 de julho de 2006.

IX Encontro de Jongueiros, Rio de Janeiro, RJ, 17 e 18 de dezembro de 2004, Associação Brasil Mestiço, 2004 (Programa Impresso).

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. São Paulo, Cortez, 2004.

Notas

¹Os homenageados da noite foram o Prof. Hélio Machado de Castro, idealizador do Encontro de Jongueiros; Mestre Orozimbo, do Caxambu de Pádua; Mestre Nico, líder do grupo de Pádua, e Dona Aparecida Ratinho, grande mestra do Caxambu de Miracema. Participaram do Painel a Prof^a Elizabeth Travassos, da UNI-Rio, coordenadora da pesquisa “Jongu do Sudeste”, a pesquisadora Rita Gama, do Centro Nacional do Folclore e Cultura Popular/IPHAN, e o pesquisador Paulo Dias, da Associação Cultural Cachuêra.

² Em uma articulação de pastores evangélicos e vereadores da cidade, o local onde Dona Sebastiana II dançava o Caxambu com seu grupo, diante de um Cruzeiro às margens do Rio Pomba, foi urbanizado e transformado em Praça da Bíblia, local designado para a realização de eventos e cultos evangélicos. No dia 13 de maio de 2006, a Prefeitura de Santo Antônio de Pádua cumpriu o compromisso estabelecido durante o X Encontro de Jongueiros de reinaugurar o Cruzeiro em um novo local destinado ao Caxambu. O Cruzeiro foi reinaugurado, o local do Caxambu, que deverá se chamar Praça Sebastiana II, ainda precisa ser demarcado e adequado aos eventos do Caxambu.

Abstract

This paper aims to report the experience of **Rede de Memória do Jongu e do Caxambu** project. It is its challenge and commitment to create spaces and times to exchange experience and knowledge between young and elder people of Jongu communities.

Through **Rede de Memória do Jongu e do Caxambu**, Jongu has been registered as immaterial Brazilian cultural patrimony.

Keywords: Jongu, culture, extension.

